

O Instituto C^{el} Benjamim Guimarães ou "o Patronato" de Pará de Minas

Nota do editor: À exceção de cartas do Pe. Orlando Chaves e de algumas passagens e notas inseridas neste histórico com fontes identificadas, os demais textos não têm autoria identificada. São transcrições de documentos digitalizados em formato imagem, a mim passados pelo Pe. Ilário Zandonade, Diretor do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, de Barbacena, MG. Também serviram de fonte os "Elencos" da casa salesiana de Pará de Minas, do período 1962 a 2014 e pelo Pe. Duile de Castro, a mim passados pelo Pe. Duile de Castro. Também recebi informações fornecidas pelo Museu Histórico de Pará de Minas.



Em 2014, o Instituto C^{el} Benjamim Ferreira Guimarães, de Pará de Minas, faz seu 68º aniversário. Sempre foi chamado pelos paraminenses, desde sua fundação, simplesmente como “O Patronato”.

Sua localização é na Rua Pe. Zanor, Bairro Patafufo. Até o final da década de 1960, não existia o citado bairro. Do perímetro urbano até ao Patronato, a área era apenas rural, desabitada, ocupada por plantações e pastagens, e atravessada pela linha férrea da antiga Rede Mineira de Viação (RMV), que tinha uma parada bem em frente ao portão de acesso à casa salesiana, do outro lado da estrada. Aquela antiga parada faz parte da história da casa salesiana e de muitos jovens que, até meados dos anos 1950, ali desciam, vindos de cidades próximas, para adentrar o Patronato, ou que ali tomavam o trem para retorno às suas cidades de origem.

Com a expansão urbana da cidade, a área veio a ser totalmente urbanizada. A antiga estrada de acesso do centro urbano ao Patronato é atualmente rua, já asfaltada, que ganhou, por força da Lei Municipal N°1426, de 19.06.1973, o nome do salesiano Pe. Zanor Pedro Rosa, falecido em Pará de Minas em 27/02/1971, tendo sido secretário e professor do Patronato. Em seu convívio com a população de Pará de Minas, foi reconhecido como sacerdote e salesiano exemplar, donde o

mérito do nome da rua. O artigo 1º dessa lei reza: "Fica denominada 'Rua Padre Zanor' o logradouro público situado entre os Córregos da Rapadura e do Pião, no prolongamento da Rua João Alexandre, hoje conhecido como "Estrada do Patronato".

O Patronato nasceu de um ideal do industrial Benjamim Ferreira Guimarães. Desejava ele dar amparo e formação a crianças pobres de sua terra e redondezas, numa homenagem ao seu ilustre pai. Aconselhado pelo cooperador salesiano José Nascimento Teixeira, de São João del-Rei, pai de dois sacerdotes salesianos, procurou o Inspetor Salesiano, a quem expôs sua intenção.

O inspetor Salesiano era, na ocasião, dessa região de Minas, o Pe. Orlando Chaves, mais tarde Bispo de Corumbá e Arcebispo de Cuiabá.



Cel. Benjamim F. Guimarães

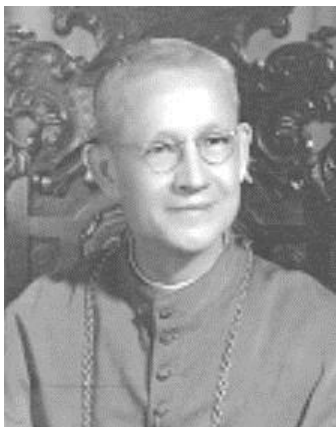
Nota do Editor: O texto abaixo é contribuição de João Bosco Teixeira:

José do Nascimento Teixeira, acima citado, era pai dos padres salesianos Henrique Nascimento Teixeira (ordenação em 1940 da turma do Padre Luís Zver) e Raimundo Nascimento Teixeira (ordenação em 1948, da turma do Padre Pedro Teixeira, que vive ainda em São João del-Rei).

José do Nascimento Teixeira (meu avô paterno) foi muito importante para os primeiros salesianos que chegaram em São João del-Rei. Além de ter sido fundamental no arregimentar aspirantes a salesianos (acolhia-os em sua residência, em preparação para Lavrinhas), ajudou muitíssimo na construção do Colégio São João. Veio a falecer na véspera da inauguração, no dia 5 de agosto de 1943. Após sua morte, a viuva Dona Mariquinhas, atendendo desejo do Sr. José do Nascimento Teixeira, doou aos Salesianos a enorme chácara de São Caetano, que os Salesianos, posteriormente, venderam e, com o resultado financeiro, criaram o fundo de bolsa de estudos para alunos carentes.

Tem seu busto erguido na Praça Frei Orlando (conhecida como Largo de São Francisco), em frente à Igreja de S. Francisco de Assis, em São João del-Rei.

O Sr. José do Nascimento Teixeira era pessoa de absoluta confiança dos Ferreira Guimarães, de quem, ao falecer, era até sócio. E amicíssimo de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, que havia doado o terreno da mitra de Mariana para a construção do Colégio São João. Mais detalhes encontram-se no livro do Padre Ralfy sobre o Padre Francisco Gonçalves.



Ao lado, foto de Dom Orlando Chaves, datada de 1948.

Abaixo, transcrição de carta dirigida pelo Pe. Orlando Chaves ao Sr. Benjamim Ferreira Guimarães Filho:

18 de setembro de 1943.

Louvado seja N. S. J. Cristo!

Meu distinto amigo e benemérito Cooperador Salesiano Sr. Benjamim Guimarães Filho,

Já enviei ao Revmo. Sr. Pe. José Viegas, Vigário de Pará de Minas, procuração para assinar, em meu nome, a escritura de doação do terreno à "Inspetoria Salesiana do Sul do Brasil" para a fundação salesiana de que falamos.

Em meados de outubro, desejo ir a Pará de Minas, levando um engenheiro para estudarmos a topografia do terreno, a fim de elaborarmos as plantas da construção.

Exponho aqui, em resumo, o que combinamos em Belo Horizonte sobre essa obra, pedindo que mande, mais uma vez, sua aprovação.

1. Faremos uma planta geral, como a de São João del-Rei, com capacidade para 300 alunos internos: 100 órfãos e 200 aspirantes salesianos. Os edificios terão, assim, duas seções separadas. Será uma obra grandiosa, digna de seu generoso e benemérito pai. Será um monumento salesiano à sua beneficência.

2. Os órfãos poderão ser aceitos desde a idade de sete anos. Seu número dependerá dos meios que tivermos para sustentá-los, podendo ir até 100. Os aspirantes salesianos, como é costume em nossos aspirantados, pagarão de acordo com as possibilidades de suas famílias. Os que não puderem pagar nada, terão gratuidade.

3. Denominaremos esta obra "Instituto Coronel Benjamim Guimarães". Peço seu parecer se devemos ou não incluir o título "Coronel".

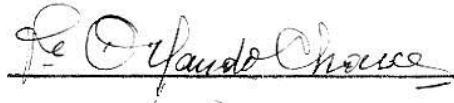
Estou antevendo o futuro grandioso desta obra. A caridade que se fará aos órfãos atrairá as bênçãos de Deus sobre ela.

Mais abençoada ainda será a parte das Vocações, dos aspirantes salesianos, porque, com ela, não só daremos abrigo a meninos pobres, que, possuindo no coração o ideal sublime do sacerdócio e da vida abnegada de educador salesiano, não encontrariam em outros lugares os meios para seguirem a própria vocação, mas também com eles prepararemos os elementos para continuar a ampliar a obra salesiana em Pará de Minas e em muitos outros lugares de Minas e do Brasil.

Teremos elementos para a fundação de outros Institutos, destinados à formação moral e religiosa dos filhos dos operários das inúmeras empresas da família Guimarães, que se hão de alargar e multiplicar, porque abençoadas por Deus, pela sua generosa beneficência.

Tendo rezado e pedido orações aos alunos dos nossos colégios, pela sua preciosa ajuda e de seu venerado pai e pela felicidade da distinta família.

Com profundo sentimento de gratidão no Senhor e ao seu benemérito pai, assino-me



Pe. Orlando Chaves,
Inspetor Salesiano

(Em manuscrito, vem o seguinte "PS"):

O Sr. Benjamim Guimarães Filho pôs à minha disposição, no Banco de Minas Gerais, de Belo Horizonte, mil contos para a construção e 500 contos para, com os juros de 7% no mesmo Banco, sustentar os órfãos.

(fim da transcrição)

Pe. Orlando Chaves aceitou a obra, com a condição de acrescentar à parte dos órfãos e jovens carentes uma aspirantado para vocações salesianas e sacerdotais. O Cel. Benjamim Ferreira Guimarães Filho aquiesceu. Além de cuidar dos necessitados e dar-lhes uma segurança para a vida futura, iria também cooperar com a Igreja e a Congregação para a preparação e formação de futuros religiosos e sacerdotes.

(Vide, a seguir, transcrição de outra carta do Pe. Orlando Chaves)

São Paulo, 17 de novembro de 1943.

Prezado Pe. José Reyneri,

PROPOSTA DE FUNDAÇÃO DE UMA CASA SALESIANA na cidade de Pará de Minas, no Estado de Minas Gerais, Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora – Sul do Brasil.

Venho pedir-lhe licença para que aceite a proposta de uma fundação salesiana na cidade de Pará de Minas, nesta Inspetoria, que já foi considerada no Conselho Inspetorial e julgada de toda conveniência.

O nosso cooperador salesiano, Sr. Benjamim Ferreira Guimarães, homem abastado, acaba de auxiliar-nos na construção do Aspirantado de São João del-Rei, com uma oferta de meio milhão de cruzeiros. Agora, deseja um casa salesiana na sua cidade natal, mediante as seguintes condições:

a) doará um terreno de cento e cinquenta hectares, distante da cidade dois quilômetros, para uma escola agrícola;

b) porá a nossa disposição um milhão de cruzeiros para construir o edifício, que terá capacidade para trezentos alunos internos, divididos em duas seções: a primeira, com capacidade para duzentos alunos, será

um aspirantado; a segunda, com capacidade para cem alunos, será um orfanato, que constituirá a escola agrícola;

c) empenhará desde já um patrimônio de quinhentos mil cruzeiros para a manutenção dos órfãos, cujo número estará de acordo com as possibilidades de seu sustento;

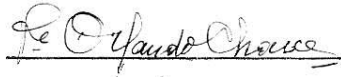
d) a escola agrícola produzirá alimentos para os mesmos aspirantes e, por ser um senhor muito rico, não será difícil que se obtenha dele, posteriormente, um patrimônio para sustentar os aspirantes.

Considerando que a cidade de Pará de Minas é uma das mais católicas do Brasil e está numa região toda ela muito abundante em vocações, é conveniente que haja lá um aspirantado que se encherá logo de boas vocações. Os mesmos órfãos apresentarão oportuno campo donde tiraremos numerosas vocações, porque sua aceitação ficará inteiramente a nosso critério.

A única dificuldade seria a falta de pessoal. Mas o doador não impõe tempo para começar a obra. Levaremos dois anos para construir o edifício. Depois, poderemos começar muito humildemente com o pessoal que tivermos para isso. Já falei com o bispo da diocese, que mostrou grande satisfação em dar licença para se fundar esta casa.

Espero, portanto, uma resposta sua para pedir ao senhor bispo o documento que permita a fundação, como também a licença para aceitar a doação, condição indispensável da escritura.

Respeitosamente,



Pe. Orlando Chaves.

(Vide, a seguir, transcrição de outra carta do Pe. Orlando Chaves)



São Paulo, 27 de outubro de 1944.

Revmo. Sr. Pe. José Reyneri,

DD. Representante do Reitor Maior.

A sua benção.

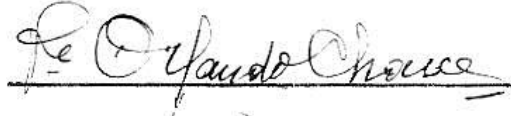
APROVAÇÃO DAS PLANTAS DE PARÁ DE MINAS

Tendo sido apresentadas, na reunião do Conselho Inspetorial de 27 de outubro de 1944, as plantas da fundação Salesiana de Pará de Minas, foram atentamente examinadas por todos os Conselheiros e unanimemente aprovada.

Apresento-as agora a V. Revma., pedindo a sua aprovação. Estas plantas foram elaboradas pelo Dr. Gastão Baiana, Professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sob minha orientação.

Tenho necessidade de começar logo esta construção, para atender aos desejos do munífico doador, que desde março deste ano, já depositou no Banco de Minas Gerais a importância de Cr.\$1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) para início das obras, e já me escreveu perguntando quando íamos começar. Penso que seria oportuno satisfazer os desejos dele, em consideração às suas benemerências em auxiliar os aspirantados de São João del-Rei e Virgínia. Acresce ainda que é um senhor de idade, mais de 80 anos, e deseja ver alguma coisa feita nesta Obra.

Aguardando portanto a aprovação, subscrevo-me filialmente em Nosso Senhor Jesus Cristo,



Pe. Orlando Chaves - Inspetor Salesiano

(fim da transcrição)

Nota do redator: Virgínia era, na ocasião, o nome do atual distrito de Jaciguá, Município de Boa Esperança, ES

O Sr. Benjamim Guimarães escolheu o local para uma pequena escola agrícola e assumiu as despesas da construção. O Pe. Inspetor quis que a obra levasse o nome do pai do benfeitor. Tudo estabelecido, deu-se início à obra, em 1946, com o pavilhão destinado aos órfãos e jovens carentes. Veio então a Pará de Minas o primeiro salesiano, SC Aldo Maia, para dirigir a construção. Ficou hospedado com o Pe. José Viegas. Mais tarde veio o Pe. Januário Goulart para se unir ao Ir. Aldo na organização e construção do Instituto.

O Oratório Festivo começou nos campos improvisados junto às construções, no dia 3 de março de 1946, com 32 meninos.

No final do ano, a média de frequência era de 140 oratorianos. No dia 1º de dezembro, o Patronato recebe como interno o primeiro órfão de pai e mãe, Antônio Rezende. No dia 02 de março de 1947 fez-se a inauguração do Instituto Cel. Benjamim Guimarães, embora ainda em construção, já com alunos e internos, e com início das aulas e oficinas.

As informações a seguir foram dadas por Waldir Viegas, ex-SDB:

Em 1947, o Instituto ainda estava em construção. Em funcionamento só o pequeno bloco de dois andares, perpendicular ao prédio principal paralelo à estrada de ferro, a Rede Mineira de Viação (RMV), de apelido "Ruim, mas vai". E ia mesmo. Bem ou mal, gingando a 20 km/h, queimando lenha, a Rede atendia a toda aquela região do Estado, o chamado Centro-Oeste, e, ainda, ao Triângulo Mineiro, Sul de Minas, Região das Vertentes (São João Del-Rei e Barbacena). Ela era quem nos tinha trazido a todos de Varginha, São Lourenço, Araxá, Belo Horizonte, São Gotardo, Bom Despacho, Tiros, Pequi e, evidentemente, de Pitangui, de onde eu tinha vindo.

Duas datas festivas: No dia 17 de maio de 1947, o patronato recebe a primeira estátua de Nossa Senhora Auxiliadora, e no dia 02 de julho de 1947 a estátua de Dom Bosco chega e fica na casa de um cooperador,

para entrar solenemente, no dia 02 de agosto, no Patronato. Ambas bentas pelo Pe. Viegas.

A vida no Patronato naquele 1947 era “risonha e franca”. Casa iniciante, poucos alunos, disciplina suficiente para o bom andamento das coisas, sem stress nem exageros.

O Patronato era um projeto grandioso: seria uma escola agrícola e profissional e um aspirantado. Dessa forma, os alunos, órfãos ou aspirantes, se dedicavam à agricultura. Os candidatos a coadjutor salesiano tinham atividades profissionais.

De uma forma ou de outra, dentro das possibilidades técnicas e humanas, funcionavam no Benjamim Guimarães sapataria, alfaiataria, marcenaria e padaria, além da criação de gado. Até hoje não sei como aquele grupinho de crianças e adolescentes conseguia produzir hortaliças, colher legumes, tirar leite e fazer pão para atender às necessidades da escola. O caso é que, na parte da manhã, as atividades predominantes eram na produção. Tudo pelos alunos. Externos, só o marceneiro. Às vezes, vinham técnicos da Escola Agrícola de Florestal para dar noções agronomia para nós.

Estudos, só à tarde. Os órfãos faziam o curso primário. Os coadjutores estudavam também italiano. Os alunos do Admissão, os aspirantes, cursavam as cinco matérias do curso: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências e, é claro, Latim e Religião.

O Pe. Januário, como Diretor, dava aula de Religião que consistia, basicamente, em decorar o Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã. O Assistente, Clérigo Júlio Tarnovski, dava Matemática, História e Geografia. O Pe. Roque dava as aulas de Português, Latim e Ciências.

As aulas de Ciências, parte de botânica, era dada na horta, onde distinguíamos monocotiledôneas, dicotiledônias, bulbos, tubérculos, funcionamento do arado e suas partes. O Pe. Roque ainda fazia experiências com o sorgo. Ele achava que o sorgo seria o futuro da agricultura. Soja ainda era só uma curiosidade botânica no país.

A horta, muito consumidora de água, ficava em redor da lagoa. Isto mesmo. Tínhamos construído uma lagoa ao lado do colégio.

Abastecimento de água:

Água não seria problema até 1950. Com efeito, quando os salesianos receberam o Patronato, o terreno era ainda coberto de mata e com muitas nascentes. Ao lado da casa corria um córrego, cuja nascente se situava a poucos metros acima do local da construção. O riachinho desaguava no Rio da Paciência, coisa de quilômetro e meio dali. Tudo muito ajeitado. Foi feita a captação das águas para atender à escola, tendo sido construída uma caixa d'água, com uma cobertura em forma de cúpula muito bonita. Mais abaixo foi feita uma barragem para represar a água que sobrava. Formou-se uma lagoa para regar a horta, criar peixes, além de dar um visual muito agradável ao local.

O caso é que, para atender à escola agrícola, foi feito um desmatamento geral. E a nascente ficou exposta e desprotegida. Mesmo assim, continuava atendendo bem. Em 1949, no 2º ginasial, ouviam-se

recomendações para tomar cuidado com a água porque a mina já não estava dando conta. As escola crescera, a fonte estava secando. Pouco mais tarde, o fornecimento de água entrou em colapso

(fim da fonte)

No dia 04 de fevereiro de 1948, toma posse o segundo diretor, Pe. Arcanjo Moratelli. O Pe. Januário passou a ser o administrador ou prefeito da casa.

No ano de 1948 não havia separação entre os órfãos e aspirantes.

Os padres daquele ano, além do Diretor eram: Pe. Roque e Pe. Januário. Havia os irmãos coadjutores Sr. Fausto Guimarães (eletricista), Sr. Pedro Fonseca (construtor), Sr. Balbino (sapataria), Sr. Aldo da Silva Maia, Sr. Joaquim Santana (mestre da banda e vice-assistente) Clérigo Solano Vicenzi, assistente dos menores, Clérigo Mário Lúcio.

Só no ano seguinte, 1949, foi criada a Inspeção São João Bosco, sendo nomeado Inspetor o Pe. Alcides Lana. Para a direção da casa foi nomeado o Pe. José Teixeira.

Naquele ano foi feita a separação dos aspirantes e dos órfãos. Os aspirantes ficaram divididos em duas divisões: maiores e menores. Começou a 1ª série ginásial com os alunos vindos do curso de Admissão.

Novos salesianos chegaram: Sr. José Lana (enfermeiro), Pe. Osmar Couto (catequista), Pe. Amadeu dos Anjos (conselheiro), Pe. Henrique Teixeira, Sr. Joaquim Santana (regente da banda de música e mestre da sapataria, com o Sr. Balbino), Clérigo Paulo Cruz, assistente dos maiores, e um outro irmão coadjutor que cuidava da Cozinha e da Padaria. Os coadjutores Joaquim Santana, Sr. Fausto, Sr. Aldo e o Pe. Arcanjo Moratelli foram transferidos para outra casa salesiana.

O trabalho na lavoura era feito pela divisão dos órfãos (patronato), e pelos aspirantes, nas férias do meio do ano e de fim de ano. As atividades agrícolas eram: capinar na várzea o milho e o feijão, plantar batata inglesa, e, na horta, cuidar das hortaliças, plantação de tomates etc. Também se plantavam eucaliptos e árvores frutíferas.

Em 1950 iniciou-se a 2ª série ginásial. Terminada a 2ª série os aprovados iam então para São João del-Rei para prosseguir no curso ginásial e o curso colegial.

Nos anos de 1950 e 1951 também trabalharam no Instituto o clérigo Vander de Paula e seu irmão Pe. Josué, Pe. Olívio (confessor) e o Pe. Martinho.



Os que passaram por Pará de Minas nos anos '50 devem-se lembrar de uma pickup Studebaker que era usada pelo diretor Pe. Arlindo para deslocamentos entre o Patronato e a cidade para fins diver-

sos, inclusive para ir ao orfanato das Irmãs Salesianas para celebração de missas. Havia também, como meio de transporte, uma motocicleta Huskwarna, da qual levou uma queda o Pe. Paulo Belém Rocha, vindo do orfanato das irmãs, num dia de festa do Diretor, Pe. Arlindo. Mesmo com o rosto todo cheio de hematomas e arranhões, concelebrou a missa da festa.

Aqueles que passaram pela casa salesiana nos anos 60 certamente se lembram de um caminhão Chevrolet usado pelo diretor Pe. Newton Ambrósio (foto autêntica ao lado) para transporte de produtos do Patronato para BH e cidades próximas para transporte de produtos e mercadorias.



(foto cedida por Ferando Fonseca, ex-SDB - Pará de Minas)

Em Pará de Minas mora o Sr. João Alves Melo, que foi um dos primeiros internos do Patronato como "Aprendiz" (sua matrícula era de número 09). Já adulto, continuou na casa, trabalhando na criação de gado, apicultura e na manutenção civil dos prédios. Continua como apicultor e comerciante de produtos apícolas na cidade. Foi motorista

deste caminhão por muitos anos no transporte de materiais de construção etc. Tem muitas histórias para contar.

O Instituto Cel. Benjamim Ferreira Guimarães Filho sempre gozou de simpatia e do carinho da família de seu fundador e do povo de Pará de Minas.

Nos primeiros meses e anos, recebeu a visita de muitos personagens ilustres, amigos da obra salesiana, ligados à família Ferreira Guimarães, autoridades civis e eclesiásticas. Destacamos a do Dr. Milton Campos, Governador de Minas Gerais, vários de seus secretários, o Ministro da Fazenda Dr. Ovídio de Abreu. O Sr. Arcebispo de Belo Horizonte, D. Antônio dos Santos Cabral, o Bispo de Uberaba D. Alexandre Gonçalves do Amaral, os Vigários Gerais e seminaristas menores de Belo Horizonte.

Deu sempre muito brilhantismo às festas a pequena banda musical que foi se organizando.

Enquanto a construção ia sendo feita sob a direção dos Coadjuutores Salesianos o Sr. Aldo Maia e o Sr. Fausto Guimarães, os locais prontos foram sendo aos poucos ocupados com número sempre crescente de meninos carentes.

O Oratório foi se desenvolvendo, aumentando em número de oratorianos. O clero diocesano, os párocos e os frades franciscanos da cidade sempre visitavam o Patronato e mostravam uma grande simpatia pela obra. As festas do calendário da Igreja e da tradição Salesiana foram sendo celebradas com alegria e satisfação na parte litúrgica, nos jogos, teatro e bons almoços e com ótima presença da Banda de Música em toda a região.

Em 1949 iniciou-se o aspirantado, com um novo diretor, o terceiro, Pe. José Teixeira, pois o Pe. Arcanjo Moratelli, que marcara a todos com seu carisma salesiano e sacerdotal, fora nomeado Reitor do Seminário do Bispo de Corumbá, D. Orlando Chaves, em Campo Grande – MT. O Instituto ficou com um bom grupo de jovens salesianos e três divisões de alunos internos: A dos aprendizes do Patronato, a dos Maiores e Menores na parte do Aspirantado. Foi uma nova fase.

Em 1947 o assistente era o Clérigo Júlio Tarnowski. Em 1949, serviram lá o Cl. Solano Vicenzi, assistente dos menores, Cl. Paulo Moreira da Cruz, assistentes dos maiores, e José Lucindo Pinheiro, assistente dos aprendizes.

Com freqüência recebeu visitas de autoridades religiosas, seminaristas, autoridades civis, salientando-se a do Dr. Benedito Valadares, acompanhado de vários deputados federais mineiros. Foi sempre objeto do carinho e da ajuda de bons Cooperadores e Cooperadoras Salesianos da cidade, em especial a família do doador Benjamim Ferreira Guimarães Filho e um grupo liderado por D^a Cotinha, como era conhecida Da. Maria Vicentina de Almeida.

Maria Vicentina de Almeida nasceu em Pará de Minas no dia 07 de fevereiro de 1901. Filha de Francisco Torquato de Almeida Júnior (Chiquinho Torquato) e D. Maria Zita Guimarães de Almeida. Um de seus irmãos era o Pe. Grevy Guimarães de Almeida.

Em 1947 era Vigário o Revm^o Padre José Viegas e, como D. Cotinha de Almeida era muito estimada pelas crianças, ela fundou a Cruzada Eucarística e também organizou o Catecismo Paroquial, que funcionou aos domingos durante alguns anos. Foi também grande auxiliar dos Salesianos, exercendo o cargo de Zeladora e Tesoureira. Também no Asilo (Asilo Padre José Pereira Coelho) foi amiga das Irmãs Salesianas.

Sendo criada a Paróquia de São Francisco, ela ingressou na Ordem Terceira Franciscana; foi também membro da OPVS (Obra Pontificia das Vocações Sacerdotais) da Paróquia Nossa Senhora da Piedade.

D. Cotinha faleceu em 10 de abril de 1982. Desde mocinha dedicou a sua vida às obras religiosas. Foi uma pessoa muito estimada pela sua família, a quem muito se dedicava, e pelos paraminenses, pois foi sempre muito amiga de todos.

O terceiro diretor da casa foi sucedido pelo Pe. Bartolomeu Poli, até 1954, tendo sido sucedido pelo Pe. Arlindo de Freitas Porciúncula, que exerceu o cargo até 1961. Foi sucedido pelo Pe. José Maria Telles, que dirigiu a casa até 1964. De 1965 a 1972, a direção da casa esteve confiada ao Pe. Newton Ambrósio. De 1973 a 1975, o diretor da casa foi o Pe. Dídimo Pereira do Amaral. Em 1976, assumiu como diretor o Pe. Ricardo Zandonadi, tendo exercido o cargo até 1981. Pe. Guilherme Artur Lacerda de Assis foi diretor no período 1982-1984, sucedido pelo Pe. Geraldo Martins Lisboa, que dirigiu a casa até 1989. Seu sucessor foi o Pe. José Augusto Pinheiro Castedo, que, em 1999, foi sucedido pelo Pe. Antônio José Ricardo, que, em 2000, foi substituído pelo Pe. Geraldo Martins Lisboa, que dirigiu a casa até 2006. Em 2007, assumiu como diretor o Pe. Rogério Calvi. Em 2008, a direção da casa passou para as mãos do Pe. Levy Ferreira das Neves. Em 2010, assumiu como diretor o Pe. Roberto Modesto Carneiro. Em 2014, será diretor o Pe. Geraldo Martins Lisboa, notando-se que este será, pela terceira vez, o diretor da casa.

Além dos diretores acima citados, a direção do Instituto passou pelas mãos experientes de vários sacerdotes salesianos nomeados conforme as Constituições da Congregação.

De 1950 a 1961 a comunidade foi composta pelos seguintes salesianos - por ordem alfabética -, por períodos mais curtos ou mais longos. Não são citados os nomes dos padres diretores, já mencionados acima. A lista inclui também nomes de salesianos que foram aspirantes em Pará de Minas.

Padres	Clérigos ou Teólogos	Irmãos leigos (coadjutores)
Amadeu Moreno	Ailson Braz Sena	Adalberto Figueiras
Geraldo Azevedo	Geraldo Batista	Adhail Guimarães Póvoas
Jayme Teixeira	Gregório Batista dos Santos.	Floriano Lorenzoni.
João Bertoldi	Joaquim Gomes da Silva	Francisco do Val
José da Silva Perfeito	Jorge Campos	João Carlos Fernandes
José Honorato Frois	José Antônio dos Santos	Joaquim Rabelo
José Lucindo Pinheiro	José Cimino	Joaquim Santana
Luiz Amadeu Moreno	José Ribeiro Neto	José Lana
Manoel de Assis Castro	José Servo (de Jesus) Rocha	Lindolfo Fernandes
Martinho Gaidys	Luiz Carlos de Souza	Raymundo Mesquita
Múcio Fiúza Goutier	Luiz Carlos Ribeiro	
Olívio Giordano	Marcelo Rezende	
Onofre Cândido Rosa	Ney Fonseca.	
Osmar Couto	Raimundo João Ferreira	
Paulo Belém Rocha	Valdemiro Altoé	
Questor Avelino de Barros	Virgílio Lorenzini	
Raimundo João Ferreira		
Roque dos Santos		

De 1962 até 2014, foram da comunidade, por períodos mais curtos ou mais longos, os seguintes salesianos, por ordem alfabética. Não são citados os nomes dos padres diretores, já mencionados acima.

Padres	Clérigos ou Teólogos	Irmãos leigos (coadjutores)
João Bertoldi	Ádano Islei Pinheiro	Ademir Amaral
Adriano Tourinho	Alberto de Oliveira Ribeiro	Afonso Reis
Alberto Santos	Antônio Fernando de Resende	Agnaldo Guedes
Anselmo da Silva Nascimento	Antônio José Ricardo	Alair Bento dos Santos
Antônio José Ricardo	Antônio Pinheiro	Antônio Borges de Lima
Antônio Maria de Ávila	Ataídes Joel Cuman	Ayrton Mariani
Antônio Martins Pinheiro	Dário Ferreira da Silva	Dário Ferreira da Silva
Aristeu Meirelles	Emídio Soares da Costa	Francisco do Val

(continua)

(continuação)

Padres	Clérigos ou Teólogos	Irmãos leigos (coadjutores)
Arnaldo de Magalhães Andrade	Fábio Mota da Silva	Geraldo Domingos da Cunha
Braz Carnielli	Fernando Francisco Fonseca	João Carlos Fernandes
Carlos Coelho	Geraldo Ildeo Franco.	Joaquim Santana
Carlos José da Silva	Gustavo Correa Cola	José Augusto de Negreiros
Carlos Sebastião da Silva	Ivan Artur Lima de Faria.	Lindolfo Fernandes
Dário Ferreira da Silva	Jacy Cogo	Luiz Alves de Carvalho
Dídimo Pereira do Amaral	Jairo Fonseca	Luiz Rafael de Oliveira
Djalma Ferreira Dâmaso	João Carlos Viana Torres	Mário Pires de Oliveira
Duile de Assis Castro	João Norberto Pinto	Miguel Martins
Efigênio dos Passos	José Jeosmar de Sousa	Nicolau da Silva Sobrinho
Eman Assis de Castro	José Paulino de Godoy Jr.	Paulino de Souza
Emídio Soares da Costa	José Paulino de Godoy Junior	Pedro Nespoli
Emílio Bertoldero	José Ribeiro Neto	Roberto Modesto Carneiro
Êzio de Melo Daher	José Tibúrcio do Nascimento	Sebastião do Rosário Silva
Fabiano da Silva Rebeiro	Luiz Moraes	Severino Vieira
Fernando Enning	Manoel Cirilo do Nascimento	Tarçon Vello
Francisco David Resende	Manoel Claro Costa.	Zenalci Rigoni
Francisco de Assis Cipriano	Márcio Teodoro da Silva	
Francisco de Assis Pereira.	Mário Guimarães	
Geraldo Altoé	Milton Nascimento	
Geraldo Gonçalves de Magalhães	Nilson Faria dos Santos	
Geraldo Lauro Pinto	Otton Fava	
Geraldo Magela de Carvalho Chaves	Pedro Scaramussa	
Giacomo Rocha	Roberto Modesto Carneiro	
Gregório Batista	Romualdo Dias	

(continua)

(continuação)

Padres	Clérigos ou Teólogos	Irmãos leigos (coadjutores)
Guilherme Artur Lacerda de Assis	Santo Evangelista Dezan	
Gustavo Corrêa Cola	Sebastião do Rosário Silva	
Hernani José Ferreira	Sérgio Fernandes Viol	
Jacy Côgo	Silvério Fonseca	
Jaime de Oliveira Rocha	Sírio Henriques Teixeira	
Jairo de Matos Fonseca	Tarcísio Resende.	
Jairo Silva	Vicente Rigolon	
João Bertoldi		
João de Oliveira Souza		
Jonathan Alex da Costa		
José Gonçalves dos Reis		
José Justino Torga Rodrigues		
José Onorato Frois		
José Perfeito		
José Ricardo Mole		
José Servo (de Jesus) Rocha		
Josué Baptistão		
Kleber Campos		
Lauro Geraldo Resende Pinto		
Luiz Mendonça		
Manoel Cirilo do Nascimento		
Manoel Claro Costa		
Marcello Ferreira		
Márcio Teodoro da Silva		
Mário de Souza Reis		
Nilson Faria dos Santos		
Oscar de Faria Campos		

(continua)
(continuação)

Padres	Clérigos ou Teólogos	Irmãos leigos (coadjutores)
Paulo da Silva Maia		
Raimundo Dilermano Afonso		
Reginaldo Fragoso Marinho		
Reni Gratieri		
Ricardo Zandonadi		
Roberdo Modesto Carneiro		
Roberto Iannini		
Rogério Calvi		
Sedney Manja		
Teófilo Ferreira Barbosa Jr.		
Vicente de Paula Rigolon		
Wagner Amaral Gama		
Waldemar Zoppé		
Wilton M. Serra Vieira Souza		
Wilton Magno Serra Vieira de Souza		
Zanor Pedro Rosa		



*Casa Salesiana Pará de Minas
1985 - Foto G. Pena*

Neste ano de 2014, a casa funciona como Centro Infanto-juvenil. Família Salesiana: Salesianos Ex-alunos e Pré-noviçado, e a comunidade é composta pelos seguintes salesianos compõem a comunidade da casa salesiana de Pará de Minas:

Pe. Geraldo Martins Lisboa (Diretor)
Pe. Geraldo Arcênio de Oliveira
Pe. José Gonçalves dos Reis
Pe. Sedney Manja
Cl. Gester de Sousa Cabral
Coadj. Romildo Henriques Pina

Para fechar nossa lista de nomes, destaque é feito para salesianos naturais de Pará de Minas:

Pe. Geraldo Adair da Silva
Pe. João Luiz Galvão
Pe. Oscar de Faria Campos

Foram muitos os jovens salesianos que aqui trabalharam em seus primeiros anos como assistentes e professores, de vários sacerdotes que aqui exerceram as primícias de seu apostolado sacerdotal. Por vários lustros o Instituto manteve um belo grupo de Aprendizes e Aspirantes em um total superior a 230 no seu todo.

Os estudos foram sempre muito sérios. A formação humana, cívica e social sempre aprimorada. A orientação vocacional de cada era objeto primordial dos educadores e formadores. Os aprendizes receberam sempre o carinho dos salesianos, na preocupação e formá-los e prepará-los para sua vida futura, conforme o espírito de Dom Bosco.

Cuidou-se sempre de se desenvolver os seus dotes para os ofícios, para a agricultura e um bom preparo intelectual, mediante um currículo de estudos sérios de acordo com as leis de ensino.

As festas no Instituto sempre tiveram as características que Dom Bosco queria. Sincera piedade, com funções bem celebradas após boa preparação. Corais, escolas de cantores, o canto gregoriano e a música sacra sempre brilharam nas vozes de todos os aspirantes e aprendizes.

Reinou perene no Instituto a alegria salesiana. Na movimentação dos pátios, nos esportes, competições fraternas, nos passeios pequenos e longos favorecendo a saúde, nos teatros e sessões acadêmicas, a desenvolver os pendores artísticos dos jovens. A população de Pará de Minas, com suas autoridades religiosas e civis, foram constantes em provas de apreço e carinho para com o Patronato.

No ano de 1964, foi inaugurado o novo refeitório - mais espaçoso e confortável - que passou a ocupar uma parte do pátio da divisão dos menores. Esta construção se iniciou por volta de 1962 e foi concluída em 1964, na gestão do padre José Maria Teles.

O antigo refeitório foi dividido, passando a ser uma sala de aula e o refeitório dos salesianos, e foi criada também uma passagem para o pátio dos aprendizes atrás da sala da secretaria onde ficava o Sr. Francisco do Val e nessa passagem foi instalada uma barbearia.

Em 1966 foi inaugurada a nova capela, em edificação independente. A sagração da capela foi presidida por Dom João de

Rezende Costa, arcebispo da Arquidiocese de Belo Horizonte. A cerimônia teve a participação de clérigos estudantes de filosofia da casa salesiana de São João del-Rei. O Diretor da casa era, na ocasião, o Pe. Newton Ambrósio. Com a inauguração da nova capela, o salão que servia como capela passou a ser sala de aula, e a sacristia passou a ser o escritório do Prefeito.

No início dos anos 60, voltou a funcionar o Oratório Festivo, que havia sido desativado já no início dos anos 50.

Com as mudanças sociais que atingiram a família, as vocações e os internatos sofreram uma redução muito grande. A busca de métodos e meios diferentes, mais atualizados para atender a formação do jovem para um mundo novo que se agitava e modificava de maneira rápida, trouxe uma alteração total na vida do Instituto. Caiu drasticamente o número de aspirantes salesianos, o que levou a Inspetoria São João Bosco a encerrar o aspirantado, no final de 1967, prosseguindo, entretanto, as atividades de aprendizado agrícola e ensino convencional, até à 8ª série do 1º grau, em regime de internato e externato.

Desde então, ocorreram várias reviravoltas e "experimentações" na destinação do Patronato.

Em 1975, encerraram-se as atividades de escola convencional, e um convênio com o PIPMO (Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra) implementou um modo alternativo para orientar os aprendizes, mantendo-se os regimes de internato e externato. Desde então, o Patronato passou a ser um Centro de Preparação de Mão-de-obra.

Por bons anos foram bons os resultados. Mas a sociedade se mudava, surgiam novos modos e novas técnicas. Nestas incertezas, chegou-se ao ponto de quase fechar-se totalmente o Patronato, provisoriamente.

Esse novo destino do Patronato vigorou até 1982. No ano seguinte, a casa salesiana voltou a funcionar como aspirantado salesiano de 2º grau, conservando o Centro de Cooperadores e Ex-alunos. O aspirantado funcionou até 1989.

Em 1990, funcionou apenas o Oratório. O instituto foi reativado atendendo 80 adolescentes em vulnerabilidade social com idades entre 12 e 16 anos em período integral. Eles cursavam o ensino fundamental e participavam de várias oficinas pedagógicas, e de preparação para o trabalho.

Em 1991, a casa funcionou apenas como escola agrícola de 1º grau, disponibilizando, a partir de 1992, cursos profissionalizantes de marcenaria, serralheria, eletricidade e solda, ampliando, em 1993, para cursos de bombeiro hidráulico e corte e costura.

Em 1994, houve nova destinação do Patronato, que voltou a ser aspirantado e semi-internato de 1º grau. Em 1997, reativou-se o Centro de Formação Profissional, com cursos de corte e costura industrial, alfaiataria, serralheria de alumínio e eletricidade, e, em 2001, foram também implementados cursos de jardinagem, horta e capoeira.

Em 2007, desativa-se o aspirantado e, em 2010, o Patronato consta no Elenco salesiano, apenas como um Centro Juvenil, além de permanecer, desde o início dos anos 70, como centro de cooperadores salesianos e ex-alunos. Mantendo os ideais do fundador, em maio de 2010 foram iniciadas as atividades do Centro Juvenil Salesiano São Domingos Sávio, que estaveleceu como objetivo principal promover a formação integral de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, fortalecendo os vínculos familiares e comunitários, contribuindo para a construção do seu projeto de vida. O acompanhamento de crianças e adolescentes seria na modalidade de oficinas socioeducativas, tais como informática, música, esportes, artes, empreendedorismo social, higiene, sexualidade e expressão corporal.

Em 2013, volta, mais uma vez, a operar o aspirantado. A casa foi totalmente adaptada para acolher jovens que contemplam a vida religiosa como possibilidade de sua vocação. Os aspirantes terão a oportunidade de ser acompanhados pela comunidade salesiana local, com vistas a uma posterior opção para a vida consagrada salesiana ou presbiteral. Quatro aspirantes já se encontram na casa.

Neste ano de 2014, a casa funciona como Centro Infanto-juvenil. Família Salesiana: Salesianos Ex-alunos e Pré-noviçado.

A casa salesiana passou a ser, legalmente, uma entidade filantrópica, é impedida, por lei, de comercializar. Assim, ao contrário do que ocorria até então, o “Patronato” não mais comercializa produtos horti-fruti-granjeiros, nem queijos e doces, nem cria gado, produzindo apenas para consumo da comunidade salesiana.

O Patronato deixou de ser, realmente e ao contrário deste nome pelo qual é conhecido desde sua fundação, um patronato. É atualmente um centro juvenil de formação profissional e recreação aberto aos paraminenses, patrocinado pelo governo municipal, que oferece transporte, alimentação e complementa os subsídios vindos da Inspetoria São João Bosco.

Nesse contexto de encolhimento da obra salesiana em Pará de Minas, e por consequência do mesmo, iniciou-se um processo de minimização patrimonial imobiliária, ilustrada figurativamente pelo croquis abaixo, sem exatidão geométrica nem topográfica.

Sul

2 – Pequenas propriedades rurais e comerciais - Bairro Dom Bosco

BH < Rodovia BR-262 (extensão inaugurada em 1968) > Oeste de MG

4 Vendido para lotes residenciais	3 Desapropriado para a Indústria de Laticínios ITAMBÉ	1 – Casa salesiana 
--	--	---

Bairro Patatufu

Norte

A área original de 150 hectares, doada pelo C^{el} Benjamim Ferreira Guimarães, já estava, nessa época, cortada pela extensão da Rodovia BR-262, e toda a área da margem sul da rodovia foi vendida, estando atualmente ocupada por pequenas propriedades rurais, residenciais, comerciais e pequenas indústrias.

Posteriormente, a metade da área da margem norte da rodovia, onde fica o complexo de edificações do “Patronato”, foi também parcialmente alienada. O governo municipal desapropriou o terreno não ocupado pelas edificações, tendo sido o terreno destinado para a Itambé, indústria de laticínios e para lotes residenciais.

Uma pequena parte restante de terreno fora do complexo de edificações do “Patronato” é alugada pelos salesianos a criadores de gado.

Nota do editor: as informações sobre o tópico "minimização patrimonial imobiliária", acima, foram dadas por Marcos Flávio de Almeida, ex-aluno salesiano de Pará de Minas)

Através de um convênio com a administração municipal, a obra salesiana em Pará de Minas vem conseguindo recuperar adolescentes na área de estudos e oferecendo-lhes uma orientação profissional, dentro das possibilidades para atender o melhor e o mais possível a juventude carente de Pará de Minas. Também recebe total apoio dos cooperadores salesianos, dos benfeitores, dos ex-alunos e da sociedade em geral.

Em todas as promoções, festividades, em tantos momentos percebe-se e sente-se que a população de Pará de Minas tem o Patronato como sua casa, como a pupila de seus olhos.

A lei municipal 1426, de 13 de junho de 1973, sancionada pelo Prefeito Walter Martins Ferreira, denominou de **Rua Padre Zanor** a rua que liga a cidade ao Patronato. Pe. Zanor Pedro Rosa era um educador muito exigente, mas muito querido pelos meninos e pela sociedade de Pará de Minas.

Pela Lei 1655 de 10 de dezembro de 1976, sancionada pelo Prefeito Walter Martins Ferreira, uma nova rua da cidade foi denominada **Rua São Domingos Sávio**.

Pela lei municipal 1647.1976, sancionada em 12 de outubro de 1976 pelo prefeito Walter Martins Ferreira, uma nova rua da cidade foi denominada **Rua Pe. Newton Ambrósio**. Este, além de suas ações em prol da juventude no Patronato, ajudou a criar o Grupo de Escoteiros no município e participava da vida da cidade.

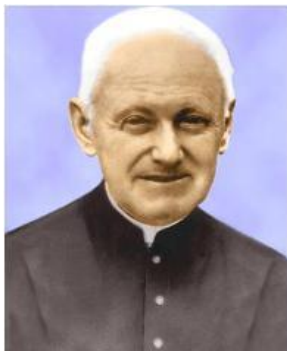
Em 2003, a Lei 4.249 de 20 de agosto de 2003, sancionada pelo prefeito Inácio Franco, tornou Dom Bosco Patrono da Educação no Município de Pará de Minas. Na sequência, um grande painel de Dom Bosco, pintado pelo Pe. Geraldo Martins Lisboa, foi instalado no hall de entrada da Secretaria Municipal de Educação.

Revedo e revivendo o passado, o Instituto Cel. Benjamim Ferreira Guimarães Filho - o Patronato - pode orgulhar-se da juventude que viveu sob o seu teto.

Tantos salesianos e sacerdotes que nele estudaram e viveram ocupam cargos importantes e de responsabilidade na Congregação e na Igreja. Vários seminaristas que por aqui passaram e depois ingressaram no clero diocesano são eficientes sacerdotes em seu ministério pastoral. Muitos jovens que, deixando a busca do estudo religioso, e sacerdotal, tornaram-se ótimos profissionais, pais que vivem a formação recebida.

Muitos jovens aprendizes que aqui se fizeram e hoje se realizam na sociedade, levando o fermento da formação cristã e humana que aqui receberam.

Realmente, o Patronato pode sentir-se feliz pela missão que cumpriu, por ter formado, segundo o pensamento e o desejo de Dom Bosco, um número incalculável de "bons cristãos e honestos cidadãos", religiosos e sacerdotes para trabalhar na messe imensa da Igreja, nestes seus sessenta e oito anos de existência.



Dentre os salesianos que trabalharam no Patronato, e que se destacaram por sua personalidade e pelo trabalho de formação dos aspirantes, talvez o primeiro a ser lembrado deva ser o **Pe. Olívio Giordano**, que lá trabalhou nos primeiros anos e que, transferido para a casa salesiana de Jaciguá, no Espírito Santo, lá veio a falecer aos 26 de outubro de 1960, aos 79 anos, com fama de santidade.

A memória do Pe. Olívio permanece, pois sempre foi reconhecido por todos que com ele conviveram como um exemplar ser humano, salesiano, sacerdote e educador. Sempre sorridente, nos recreios ensinava os aspirantes a fazer corentinhas de rabo de cavalo e terços de contas de caetés.

Pe. Questor Avelino de Barros *(nas palavras de Valter Araújo)*



Nascido em Santa Luzia, MG, em 05/08/1895. Faleceu em Barbacena, MG, em 01/05/1976. Paciente confessor dos alunos, professor de português, geografia e desenho. Muito alegre e brincalhão, sempre participava de uns doidos e irracionais reboliços, nos recreios depois do jantar, mais parecidos com o estouro da boiada, os famosos brinquedos gerais. Barra polonesa, genovesa, estafeta e outros mais. Chamava os capixabas que chegaram em mil novecentos e cinquenta e nove, de “meus capixabinhas”.

Salesiano exemplar, primava pela vida simples e regrada. Comportava-se sempre como autêntico guarda das regras da Congregação. De sua vigilância não escapava nem mesmo algum salesiano mais açodado. Notável era a sua habilidade para desenhar o contorno dos mapas geográficos, utilizando-se das duas mãos ao mesmo tempo.



Ir. Coadjutor Joaquim Santana

Assistente da divisão dos aprendizes. Músico, compositor, mestre da banda, professor de teoria musical: em suas composições musicais, usava o pseudônimo de Joasana. Sempre alegre, discreto, brincalhão. Salesiano exemplar.

Faleceu em Belo Horizonte em setembro de 2012, aos 89 anos. Mineiro de São João Del Rey, filho do Sr. Antônio Francisco de Sant' Ana e D. Angelina Miquelina de Jesus, o Irmão Joaquim, como era conhecido por todos, dedicou todas as suas forças à causa do Evangelho de Jesus na Congregação Salesiana, seguindo os passos de Dom Bosco. Aos 19 de novembro de 1940, em carta endereçada ao Diretor do aspirantado de Lavrinhas, SP, onde então se encontrava, escreveu: *"Revm. Sr. Pe. Diretor, Louvado seja N. Senhor Jesus Cristo! Tenho o prazer de lhe*

escrever estas poucas linhas para dizer que estou disposto a continuar na congregação salesiana. Pois estive sete meses no Colégio de São João Del Rei e vai fazer um mês que estou aqui e acho tudo tão bom! Está perto o Noviciado. Peço-lhe licença para nele eu entrar também. Abençoe o aluno, Joaquim Sant'Ana".

Homem simples, humilde, calado, o Irmão Joaquim se fazia discretamente presente. Tinha dotes musicais. Como salesiano, foi Maestro de Banda durante bom tempo. Passava de casa em casa afinando os pianos, consertando os instrumentos musicais. Em Pará de Minas, onde trabalhou, apitava os jogos de futebol dos garotos do internato. Em Ponte Nova, mais tarde, cuidou da mecanografia durante anos. "*Sempre temperando...*", como ele mesmo gostava de dizer quando o perguntavam se estava bem.

Pe. Martinho Gaidys (nas palavras de Valter Araújo)



Confessor, professor de latim, história geral e história sagrada. Por seu extremo rigor, quase terrorismo na sala de aula, era citado como “o terrível”. Lituano, fugitivo de guerra, e tido por alguns como neurótico de guerra. Cabelo aparado ao estilo escovinha. Parecia não gostar de brasileiros, que insinuava como sendo um povinho sem categoria.

Jamais se levantava de sua cadeira fosse para o que fosse. Ainda assim, não se ouvia um pio durante suas preleções. Não usava o quadro. Tinha alergia a pó de giz. Falava fluentemente o português, que aprendeu em Portugal, onde estudou antes de vir para o Brasil.

Pe. João Bertoldi (nas palavras de Valter Araújo)



Pessoa de encantadora simplicidade, despojado e amante do trabalho. Catarinense, de cabelo crespo e espetado dos lados, quase ao estilo escovinha, quase sempre usando uma batina bem surrada, as mãos sempre metidas naqueles bolsões até à metade do antebraço. Duas salientes entradas laterais prenunciavam calvície na certa. Sua barba fechada, quase sempre por fazer, era um detalhe à parte: coçava e coçava muito. Tanto que constan-

temente, para amenizar o incômodo, o padre João usava quatro dedos de cada mão - os polegares só assistiam - e posicionava-os com força sobre o pomo-de-adão de onde começava o comixão, e daí, friccionava-os nervosamente em todas as direções. Só assim se acalmava. Seu pisar começava com uma batida firme dos calcanhares, para só então, completar a aterrissagem do restante do pé. Mas, era duro e forte. Podia-se ouvir de longe o seu tropel.

Quando não estava em suas missões de rotina, era sempre encontrado no pomar, vestido de um surrado e sujo guarda-pó. Ali desfrutava de evidente prazer. Amava o trabalho da terra. E a produção

de frutas no colégio muito devia à sua competência na aplicação das técnicas agrícolas, que dominava como ninguém.

Desempenhava duas funções para as quais a clareza de expressão era indispensável: uma, na sala de aula como professor de matemática. Outra, dentro do confessionário, como incansável ouvinte de nossas inocentes mazelas.

Em ambas, o entendimento era nada fácil. Era impossível achar graça nas tortuosas veredas bertoldianas para se chegar à conclusão de que a soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa.

Segundo dizem seus alunos, levava, porém, uma grande vantagem sobre todos os demais professores: não passava tarefas para ser feitas durante os horários de estudo. Tudo que tentava ensinar era cobrado imediatamente após a explicação. Ia de carteira em carteira, estacava ao lado de cada um, olhava rapidamente as nossas tentativas para desenrolar os exercícios e, com um grande lápis vermelho, visava vigorosamente o esforço despendido, sem emitir uma palavra sequer. Notas? Só nas provas mensais. E era de uma generosidade comovente.

Irmão Coadjutor Lindolfo Fernandes

Natural de Cachoeira do Campo-MG, o religioso fez a sua primeira profissão em 31 de janeiro de 1943, em São Paulo-SP. Nessa ocasião, escreveu: “Não quero, porém, outra coisa senão que o Senhor faça de mim o que for melhor para a glória de Deus e para o bem de nossa amada Congregação”. Em 1948, faria a sua profissão perpétua entre os salesianos de Dom Bosco.



Faleceu em Belo Horizonte, aos 15/12/2012. Homem organizado, metódico, de laboriosidade incansável, o irmão Lindolfo, em sua vida como salesiano, esteve sempre marcado pelos traços da piedade, simplicidade e amabilidade. Por onde passou, plantou jardins e deixou saudades. Trabalhou em Pará de Minas, onde comandava os trabalhos da horta e de jardinagem. Trabalhou também em Cachoeira do Campo e Ponte Nova. Criativo, tudo florescia em suas mãos. Também era construtor de presépios e, com isso, encantava os corações da meninada.

Irmão Coadjutor Francisco do Val *(nas palavras de Valter Araújo)*.



Desempenhava no dia-a-dia, duas importantes funções, uma burocrática de secretário escolar e outra pedagógica de professor de aritmética, como ele mesmo fazia questão de ser reconhecido. Conforme gostava de se gabar, todas as questões envolvendo cálculos podiam ser resolvidas sem recurso à matemática. Exímio datilógrafo, competente e dedicado irmão salesiano. A sua figura franzina escondia um ser humano extraordinário.

Sua saúde é que não era das melhores. Constantemente, era achacado por uma incomodativa asma, que tornava a sua respiração extremamente difícil. Vale também mencionar uma progressiva surdez, de cujo desfecho não tenho conhecimento.

Não era de dizer coisas por dizer. A objetividade se destacava de entre as suas habilidades. Falava o necessário e sempre na hora certa. Foi assim que, delicadamente, me alertou para o erro da minha data de nascimento. Para tanto, percorria com seu dedo magro o registro do cartório, enquanto me observava atentamente com seus olhos miúdos por trás de grossas lentes e seu famoso sorriso do meio da boca para a direita.

Quando, no horário de acordar os aspirantes, Seu Francisco do Val, disparava palmas por entre as fileiras de cama no dormitório para acordar a turma, acompanhadas pelo seu indefectível e pitoresco “Benedicamus Domine” (sic), ao qual replicavam os sonolentos aspirantes: Deo gratias!

Irmão Coadjutor Raymundo Mesquita *(nas palavras de Valter Araújo).*

“Seu” Mesquita integrou a comunidade salesiana de Pará de Minas no final do ano de 1957. Foi também professor de trabalhos manuais, coisa há muito apagada das memórias pedagógicas das nossas escolas. Mestre de teatro e um craque no palco, estopim curto. Difícil era contracenar com ele, pois nunca decorava a parte, e improvisava o tempo todo.



Com a saída do Padre Múcio, passou a ser o assistente do nosso refeitório. Durante a sua gestão, como as coisas melhoraram! Até arroz entrou no cardápio. As toalhas de mesa, havia tempos sumidas, voltaram à sua antiga e necessária função. Sem contar sua exigência na limpeza do ambiente.

Entre as diversas edificações do Patronato, uma é aquele galpão fechado, um dos lados do qual servia como salão de teatro, e o outro como depósito de materiais e onde funcionavam algumas máquinas de serraria. Não tivemos informação sobre a finalidade para a qual foi originalmente erguido, mas pode-se pressupor que tenha sido a primeira edificação para apoio da obra, servindo para depósito de materiais, oficina de marcenaria e alojamento de trabalhadores.

Suprimento de água:

Sabe-se que até o fim dos anos 50 a casa padeceu pelo precário suprimento de água, ao ponto de ter-se de recorrer, em certas ocasiões, ao Ribeirão Paciência para banho. No início de 1959 viveram-se nove meses sem uma gota de chuva. No horizonte só se via fumaça. Os chuveiros e banheiros do dormitório dos aspirantes ficaram sem suprimento de água durante aproximadamente seis meses. Banho, somente de quando em vez, nos chuveiros dos aprendizes, que ainda contavam com algum suprimento de uma das nascentes. Aos domingos e quintas-feiras, havia também um banho coletivo num poço do Ribeirão Paciência, distante cerca de 1 km da casa. Muitos carrinhos, com latas d'água, foram transportadas de uma cisterna, para lavar pratos e talheres e outros usos.

Pela manhã, muitas vezes a escovação dos dentes e a higiene pessoal era feita com apenas uma pequena caneca d'água, distribuída

critérios pelo Irmão Francisco Duval. Após a correria dos recreios, uma longa fila de alunos sedentos se formava para tomar uma caneca d'água, esta armazenada em um latão. Em 1960, o Diretor, Pe. Arlindo, deu início à perfuração de um poço artesiano, na parte baixa do terreno, acima da estrada de acesso ao colégio. Depois de meses de sobe-e-desce de um pesado cilindro metálico, nada de água. A solução veio por volta de 1962, quando outro poço foi perfurado mais abaixo e que supre a instituição até os dias atuais.

1957



defronte à casa salesiana de Pará de Minas (foto batida, com uma câmera Kodak Brownie, pelo então enfermeiro Irmão Coadjutor Adalberto Figueira)



1997

Este Histórico foi composto e editado por Geraldo Pena, ex-salesiano, aspirante salesiano em Pará de Minas, de 1957 a 1959. Mora atualmente em Itajaí, SC.

Fica registrado aqui seu agradecimento a todos que contribuíram para a composição deste Histórico.

